



FESTEJANDO O ENSINO PRIMÁRIO NAS ESCOLAS DA PARAÍBA: O CENTENÁRIO DAS PRIMEIRAS LETRAS - 1927

Autor (1); Genes Duarte Ribeiro
Rede Estadual de Ensino-Paraíba-PB
genes_duarte@hotmail.com

RESUMO: Esse artigo analisa as comemorações do Centenário do Ensino das Primeiras Letras em 1927 durante o governo de João Suassuna no Estado da Paraíba (1924-1928). As festividades ocorreram nas escolas públicas e privadas da capital da Paraíba, mas, também em cidades do interior. Em meio as dificuldades econômicas e mudanças pedagógicas a partir da criação dos grupos escolares a Festa do Centenário busca dar legitimidade a “escola moderna” e as ações políticas do governador do Estado. Para tanto, as intenções e estratégias pedagógicas que foram utilizadas estavam carregadas de simbolismos, consubstanciadas pelas missas campais, hasteamentos de bandeiras, exposições dos trabalhos dos alunos, desfiles, passeatas e préstitos, aposição de placas comemorativas, discursos sobre o ensino de crianças e as homenagens extensivas aos prédios dos poderes públicos e para as autoridades locais.

PALAVRAS-CHAVE: Centenário; Ensino das Primeiras Letras; Escolas; Paraíba

Perto do encerramento do seu primeiro ano de mandato no ano de 1925, João Suassuna, presidente do Estado da Parahyba (22 de outubro de 1924 – 22 outubro de 1928), pela mensagem enviada à Assembleia Legislativa, apontou as principais causas pelos defeitos e falhas, no seu governo, em relação à instrução pública. Em suas palavras, a incerteza das rendas públicas, o aumento das despesas e as oscilações do preço do algodão nas exportações foram os principais argumentos de seus antecessores pela falta de investimento na organização escolar, sendo assim, naquele momento, também era seu “tormento” e suas justificativas como administrador do Estado, pois, “na Parahyba, os defeitos capitais do ensino primário, eram antes de tudo, uma questão orçamentária.” (PARAHYBA DO NORTE, Mensagem... de 1925, p.122).

Além Disso, o presidente apresentou o número reduzido de alunos que frequentavam as escolas em relação a quantidade de matrículas realizadas, pois, segundo ele, “dos 14.975 alunos matriculados no corrente ano, apenas 9.409 alunos” estavam frequentando regularmente as 310 escolas públicas no Estado.

Na capital o quadro estatístico para ele era “desalentador”, uma vez que no ano anterior somente haviam sido matriculados 2.188 alunos e frequentavam apenas 1.236 para uma população de 40 mil habitantes. Essa quantidade significava um número bem elevado de pessoas analfabetas, ou seja, sem nenhuma escolarização. Devido a essa situação, continua João Suassuna, é “que há escolas cuja frequência



média não vai além de 9 alunos e outras não excedia 25 alunos”, levando o governo estadual a baixar um ato dispensando os diretores adjuntos devido a baixa quantidade de alunos.

Para o presidente, “a indiferença do homem do povo por tudo que respeita a educação do seu filho” e os pais fazerem descaso da sorte dos seus filhos ao abandonar as escolas deveria ser considerado, pois, não compensava o esforço do Estado em investir na qualidade da Instrução Pública, uma vez que,

na capital e também nas cidades do interior os estabelecimentos de ensino de ensino primário, principalmente os grupos escolares satisfazem, plenamente os fins que se destinam, quanto aos métodos e conseqüentemente o aproveitamento dos alunos. (PARAHYBA DO NORTE, Mensagem... de 1925, p. 124).

Anos mais tarde, ainda durante o governo de João Suassuna, no dia 12 outubro de 1927, o Jornal *A União* anunciou, o dia das crianças e início “das solenidades comemorativas do primeiro centenário da instituição do ensino das primeiras letras no Brasil”, programada para até o dia 15, portanto quatro dias de festas. Na mesma edição, o professor Coriolano de Medeiros, publicou um artigo intitulado “No Tempo do Mestre”, como uma contestação aos modelos de ensino que foram sendo instituídos durante as primeiras décadas republicanas na Paraíba em detrimento a superação das práticas pedagógicas dos professores denominados *mestre-escola*.

No texto o autor critica “a fúria dos pedagogos modernos contra os velhos métodos de ensino do *mestre-escola*” e discorre sobre as transformações ocorridas na sala de aula comparando-as com as escolas do seu tempo.

Vale salientar que desde março de 1917, Coriolano de Medeiros tinha instituído um curso de matemática, destinado à preparação técnica dos sócios da Associação dos Empregadores do Comércio da Paraíba, portanto, ele mesmo se considerava um mestre-escola. Assim, num tom saudosista apontou o início da República como os últimos dias desses profissionais, que para ele, até o termo transformou-se em ofensa “servindo para amesquinhar a competência de quem se dedica a ensinar crianças”. Entretanto, continua Coriolano, mesmo que no passado, o mestre-escola não tivesse “título de realce”, mas, que podia ser lembrado pelos seus “atributos de respeito, honestidade, de trabalho e de inteligência.” (*A UNIÃO*, 12 out. 1927, p. 1).

Na sequencia do texto, o autor traça um panorama do cotidiano de um dia de aula do mestre-escola, defendendo os ganhos educacionais de sua metodologia de ensino, as diferenças são estabelecidas para Coriolano, desde o



“glorioso trabalho por vocação” e o respeito que ele recebia dos alunos, pois ao entrar na sala de aula pediam a benção ao mestre, lembrando uma regra religiosa. Da mesma forma, o controle e a sequência dos conteúdos ministrados para cada hora da aula, as exigências do mestre sobre o aprendizado dos exercícios de caligrafia, das contas, da tabuada cantada, das lições de leitura “levando muitas vezes os dedos do mestre às orelhas dos alunos”, a inexistência de prêmios e merenda escolar, os conselhos e os castigos sob a autorização dos pais e a fiscalização do asseio e da higiene, eram para Coriolano, no seu tempo apenas “escavações” do passado.

Mas, os tempos eram outros e o presidente João Suassuna, dessa vez, num tom mais otimista do que há três anos, afirmou no primeiro dia do mês de outubro, em mais uma mensagem presidencial à Assembleia Legislativa, que de ano para ano, durante o seu governo, cresceu a frequência, melhorou cada vez mais os processos pedagógicos nas escolas e que os grupos escolares da capital são positivamente bons, além disso:

há em todos eles notável senso de disciplina e de organização: em todos, a colaboração inteligente, a experiência, a dedicação, a boa vontade dos professores e o espírito de sacrifício, que os anima, corrigem os defeitos e as falhas do velho sistema de escolas isoladas e criam esse ambiente de confiança e estima, cujo influxo se tem formado a cultura mental e moral dos povos mais adiantados da terra. (PARAHYBA DO NORTE, Mensagem de 1927... p. 99).

E como forma de alta demonstração do apreço do Estado pela instrução primária, continua o presidente Suassuna, é que o governo e o professores, representados pela Sociedade dos Professores Primários do Estado da Paraíba, realizarão as festas do Centenário do Ensino Primário tanto na capital quanto em Campina Grande.

Ora, como descrito por Pinheiro (2001), entre os anos de 1916 e 1929, foi o período de “passagem” no qual havia vários modelos de organização escolar, isto é, coexistindo, as cadeiras isoladas, as escolas rudimentares ou elementares, as escolas reunidas e os grupos escolares. Some-se a isso, o discurso industrialista e modernizador que estimularam as grandes mudanças que ocorreram naquelas décadas na instrução escolar na Paraíba. Portanto, as festas anunciadas pelo presidente João Suassuna em outubro de 1927, também favorecia espaço para a legitimação e o surgimento de disputas entre os modelos de “escola antiga” e “escola moderna” que queria se implantar, a exemplo, do que ocorreu em outros estados.

De fato, Vidal e Faria Filho (2005) analisaram a Festa do Centenário do Ensino Primário que coincidiu com as propostas de reformas



educacionais de Francisco Campos e Fernando de Azevedo, a primeira sobre o ensino primário, técnico-profissional e normal em Minas Gerais e a segunda no Distrito Federal com a mesma temática a partir dos dois veículos de comunicação, quais sejam: o Jornal *Minas Gerais* e a *Revista de Ensino*, órgão da Diretoria da Instrução Pública do Estado.

Os autores discutiram a partir dos artigos e imagens que foram publicados nesses periódicos, como os ideais da Escola Nova se tornaram o foco das discussões nesses dois lugares, uma vez que, mesmo no clima de comemoração do Centenário, as duas reformas ressaltavam a precariedade da educação no país. Para Fernando de Azevedo era necessário superar os modelos anteriores e para Francisco Campos era possível conciliar o passado com as novas propostas pedagógicas que estavam surgindo.

Segundo Vidal e Faria Filho (2005), em Minas Gerais, no dia 15 de outubro, foi um dia “atípico e movimentado,” pois, a imprensa oficial noticiou o comparecimento de seis mil pessoas no Estádio América Futebol Clube para os festejos e mais de dois mil alunos das escolas da capital se apresentaram para uma plateia “ávida de espetáculo”. Já a imagem encontrada na *Revista de Ensino* que apresentava duas cenas, numa está um professor sisudo de palmatória nas mãos, apontando para uma equação no quadro e olhando para uma aluna cabisbaixo por não saber a resposta e a outra aparece uma professora sorridente, com a mão sobre a cabeça do aluno num clima de diálogo e amizade entre os dois. As legendas abaixo das duas figuras não deixavam dúvidas para o leitor, o *mestre-escola* representava a “escola antiga” e a professora normalista “a escola moderna”. Nesse sentido, essa ideia foi reforçada pelos artigos que acompanharam aquela edição comemorativa do Centenário. Além desses aspectos os mencionados periódicos apontavam para a necessidade de valorização do professor primário e de se efetivarem as necessárias mudanças as quais deveriam passar o sistema educacional no estado.

No Distrito Federal a Festa ocorreu também no dia 15 de outubro no Automóvel Club do Rio de Janeiro e contou com a presença de crianças das escolas primárias, professores pais e autoridades. Mas, o cenário principal de repercussão da comemoração do Centenário foram as páginas dos jornais cariocas que circularam e acirraram o debate público entre aqueles que apoiavam e os que criticavam a proposta de reforma de Francisco Campos. (VIDAL; FARIAS FILHO, 2005, p. 25).

Na Paraíba o Jornal *A União* divulgou a programação de quatro dias de Festa na capital para a comemoração do Centenário da Instituição do ensino das Primeiras Letras, iniciando no dia 12 de outubro, dia das crianças, até o dia 15,



feriado em homenagem a data oficial da festa. Para a imprensa oficial, era o dia em que o “Brasil se reportava com simpatia ao passado” em que houve a necessidade do Estado promover escolas públicas “no dever de educar o povo”. Concluiu que “no dia 15 de outubro de 1827 foi dado um passo em direção a emancipação intelectual iniciando a campanha contra o analfabetismo.” (A *UNIÃO*, 12 out.1927, p.1).

Do ponto de vista de Saviani (2002, p. 274) desde a independência política do Brasil com a formação da Assembleia Constituinte de 1823, que já se pensava num projeto para a organização do ensino no país, no entanto, com a sua dissolução nada foi aprovado essa questão. Somente em 1826, com a reabertura Parlamento é que foram retomadas as discussões sobre os problemas da instrução pública nacional. Para tanto, foram apresentadas várias propostas, algumas ambiciosas que nem entraram em pauta, pois, a Câmara dos Deputados fez opção por algo mais “modesto” que resultou na Lei de 15 de outubro de 1827¹, que determinou, entre outros aspectos, a “criação de escolas de primeiras letras em todas as cidades, vilas e lugares mais populosos do Império.”

A mencionada Lei ainda tratou sobre os salários dos professores, os métodos de ensino, os conteúdos que deveriam ser ensinados aos alunos, os espaços para o funcionamento das escolas, os princípios da moral cristã e a doutrina da religião católica e os castigos a serem recebidos pelos alunos. Porém, conclui Saviani (2002, p. 275):

A referida lei, se tivesse viabilizado, de fato, a instalação de escolas elementares “em todas as cidades, vilas e lugares populosos” como se propunha, teria dado origem a um sistema nacional de instrução pública. Entretanto, isso não aconteceu.

Retornado as festividades do Centenário na Paraíba, o clima era de comemoração e de intensos motivos de solidariedade pela imprensa oficial ao movimento cívico-escolar dos professores e dos alunos, que contaram com o apoio dos poderes estadual e municipal para a realização da Festa. Vejamos na Tabela abaixo a programação trazida pelo jornal *A União*:

Deveras, observamos na referida Tabela uma programação extensa cujo alvo principal foram as crianças e professores das escolas primárias. As atividades foram planejadas, com intenções e estratégias carregadas de simbolismos, a exemplo da missa, das visitas e exposições, dos desfiles, a placa comemorativa, a bandeira, o hino do centenário e os passeios.

¹ A lei não foi numerada, apenas datada.



Tabela 1 – Programação da Festa do Centenário das Primeiras Letras

DIA	ATIVIDADES PARA AS ESCOLAS
1º dia de Festa 12 de outubro	Missa campal no largo da Igreja de São Francisco celebrada pelo Arcebispo Metropolitano e sermão realizado pelo cônego João de Deus Mindello da Cruz. Em seguida, as sete e meia um desfile das forças armadas, tiros de guerra e alunos dos estabelecimentos de ensino da capital em continência ao presidente do Estado. Às treze horas a inauguração de uma placa comemorativa a passagem do centenário na Escola Normal e a abertura para a apresentação dos trabalhos manuais e prendas domésticas que haviam sido confeccionados pelos alunos das escolas do Estado. No final da tarde uma visita a exposição e festa no Jardim Público.
2º dia de Festa 13 de outubro	Visitas a exposição pelos estabelecimentos públicos de ensino, a tarde uma matinê para as crianças de todas as escolas e a noite festa no Jardim Público
3º dia de Festa 14 de outubro	Um <i>pic-nic</i> no parque Arruda Câmara, sendo o lanche oferecido pelo prefeito da cidade, João Mauricio Medeiros, e uma <i>Marche aux flambeaux</i> ² com todas as crianças em direção ao Jardim Público.
4º dia de Festa 15 de outubro	Dia principal da festa, logo cedo foi programada uma alvorada com a presença das crianças e classes armadas na Praça Venâncio Neiva, hasteamento da bandeira e execução do Hino do Centenário entoado por toda a população escolar da capital. No final da tarde, festa no Jardim Público e um momento litero-musical no Teatro Santa Rosa com a presença do presidente do Estado e um concerto com as bandas musicais da capital.

Tabela elaborada pelo autor. Fonte: A *UNIÃO*, 12 out.1927 p.1).

A propósito, na opinião de Paiva, Lima e Pinheiro (2007, p. 2),

tais festividades (lúdicas ou cívicas) procuravam situar à escola, em particular, os grupos escolares, no contexto do ideário republicano, abrindo as escolas à visitação pública, procurando demonstrar a eficiência, competência e organização do Estado e, conseqüentemente da qualidade de seu ensino, de seu “progresso”.

Assim, A *União* trouxe a reportagem como foram as comemorações na capital, embora tenha registrado, a participação da Sociedade dos Professores Primários da Paraíba, mas, somente desatacou os principais idealizadores da festa, o presidente do Estado, o prefeito da capital e a Diretoria de Instrução Pública.

Podemos observar ainda que as celebrações religiosas católicas fizeram parte das programações cívicas em todos esses momentos, a presença do padre ou do Arcebispo em festividades organizadas pelo Estado celebra a “fê-cívica” que atendia por um lado, os interesses eclesiásticos de manutenção da religião nas escolas e por outro, os objetivos de sacralizar a educação pretendida pela República.

Então, naquela manhã de terça-feira o largo de São Francisco ficou cheio de alunos,

² Expressão francesa que significa “marcha noturna com lanternas acesas”.



professores das escolas estaduais e municipais da capital, além das autoridades do Estado e da União, da Escola de Aprendizes de Marinheiro, dos tiros de guerra, do orfanato D. Ulrico, da Força Pública do Estado e de uma “grande massa popular” para acompanhar a missa campal celebrada pelo Arcebispo da Parahyba, D. Adauto de Miranda Henriques.

Como cumprimento da programação para aquele dia, após a missa foi organizado uma “Parada Militar-Escolar” em direção à Rua Duque de Caxias para prestar continência ao presidente do estado no Palácio do Governo. O Jornal *A União* traz a informação de uma quantidade significativa de diretores escolares, professores e três mil alunos que participaram do desfile, número que sugere exagero do periódico tendo em vista, o declínio de matrículas naquele ano nas escolas do Estado, fato destacado pelo próprio João Suassuna em sua mensagem presidencial no ano de 1927. (PARAHYBA DO NORTE, Mensagem de 1927... p.100).

O presidente João Suassuna, ao lado do vice-presidente Walfredo Guedes Pereira, assistiu a Parada militar-escolar em uma das sacadas do Palácio do Governo e foi a oportunidade no âmbito das comemorações do Centenário para estender as homenagens ao executivo local, uma vez que, o desfile até o prédio do poder estadual, mesmo que contrariando as estatísticas, legitimava a propaganda da atenção do Estado ao ensino primário e garantia a visibilidade pelas pessoas que assistiam aquele espetáculo cívico.

Do mesmo modo, a colocação de uma placa de bronze no prédio da Escola Normal e a abertura da exposição dos trabalhos escolares, com a presença de João Suassuna, das autoridades da instrução pública, professores e alunos foi mais um momento para a divulgação das obras recentes que foram realizadas naquele tradicional estabelecimento de ensino tanto nos aspectos pedagógicos quanto nos estruturais. (Foto 1)

Na mesma mensagem do presidente João Suassuna, já apresentada anteriormente, encontramos a menção ao ensino normal, que havia sofrido mudanças na direção de torná-lo “mais prático, dando-lhe um caráter mais científico de acordo com as exigências da pedagogia moderna.” Além disso foi construído de um pequeno museu, um gabinete de física e química e uma biblioteca o que lhe possibilitava:

inaugurar uma nova fase na história da instrução pública na Parahyba, livrando o ensino do caráter acentuadamente clássico que lhe imprimiam os erros e abusos de uma educação livresca e correr o modo decisivo, para o desaparecimento da instrução puramente memorizada, em que se vinham esterilizando as inteligências juvenis que se voltavam para a carreira do ensino. (PARAHYBA DO NORTE, Mensagem de 1927... p.107).



Foto 1 - Placa de Bronze na fachada da Escola Normal: Na passagem do PRIMEIRO CENTENÁRIO DO ENSINO. Sociedade dos Professores Primários da Parahyba - Outubro de 1927. Fonte: Acervo pessoal

Por sua vez, a exposição realizada no primeiro andar do prédio da Escola Normal atendia a dois propósitos, o primeiro configurava-se como efetivação de métodos práticos do ensino nos estabelecimentos escolares, a partir dos trabalhos de agulha, *decoupage* de pincel, bordados e confecções, aberta ao público. O ato de “descerrar entre palmas, a bandeira nacional que recobria a placa de bronze” na parte exterior da mencionada Escola, acentuava o caráter patriótico e memorialista ao evento³.

No dia 13 a exposição foi aberta para as escolas, *A União* destacou a visita dos alunos dos grupos escolares Modelo, Eptácio Pessoa, Isabel Maria das Neves, Thomas Mindello, Antônio Pessoa e D. Pedro II, bem como, as escolas noturnas e anexas aos grupos, quinze escolas isoladas, diurnas, municipais particulares, a Escola Barão de Abiahy, A Sociedade Mecânica e várias famílias.

Durante as quatro noites de Festa as escolas tiveram patrocínios de algumas famílias para montar “artísticos pavilhões” no Jardim Público, para a venda de flores, frios e bebidas, a fim de arrecadar dinheiro para as caixas escolares.⁴ As ditas famílias protetoras, consideradas “pessoas de destaque” faziam parte de sobrenomes já conhecidos da política e da elite tradicional do Estado. *A União* já tinha publicado desde o mês de agosto, os referidos grupos escolares e suas famílias:

³Na placa foi gravada a seguinte epígrafe: “Na passagem do Primeiro Centenário do Ensino. A Sociedade de Professores Primários da Paraíba. Outubro de 1927.”

⁴ Sobre essa importante instituição auxiliar do ensino, consultar o estudo realizado por Lima (2016), especialmente o capítulo o capítulo II. (83) 3322.3222



São as seguintes as famílias protetoras: Pavilhão do grupo escolar “Epitácio Pessoa” – Exmo. ministro João Pessoa; Pavilhão do grupo escolar “Dr. Thomaz Mindello” – Exma. família Mindello; Pavilhão do grupo escolar “Izabel Maria das Neves” – Exma. família João Suassuna; Pavilhão do grupo escolar “Antônio Pessoa” – Exma. família Cel. Antônio Pessoa”; Pavilhão do grupo escolar “D. Pedro II” – S. A D. Pedro de Orleans e Bragança.” (A *UNIÃO*, 12 ago. 1927, p. 1).

De fato, as “pessoas de destaque” com os sobrenomes Pessoa, Mindello, Suassuna e Orleans e Bragança, eram familiares dos que foram homenageados com seus nomes nos grupos escolares da capital, provavelmente uma estratégia adotada pela Comissão Organizadora, no sentido de envolvê-las tanto sentimentalmente ao destacar as relações de parentesco quanto no sentido de encorajá-las para assumirem os encargos das despesas com as montagens dos referidos pavilhões.

Além das quermesses no Jardim Público, ao som de banda musical e fogos de artifícios, para a arrecadação de dinheiro, outras iniciativas foram realizadas pelas professoras, como um “um grupo de senhoritas” que saíram às ruas da cidade vendendo flores e a solicitação para “as famílias que moravam perto do Jardim Público doarem *buffet* em benefício as caixas escolares.” (A *UNIÃO*, 12 ago. 1927, p. 2).

No dia 14 de outubro, terceiro dia da Festa, às quatro horas da tarde deu início ao *picnic* no Parque Arruda Câmara, que foi contabilizado cerca de 3 mil crianças dos estabelecimentos de ensino das escolas primárias, ao final da tarde foi iniciada a “brilhante marcha” denominada de *Marche aux flambeaux*, considerado como um dos momentos “mais perfeitos e de realce das comemorações.” (A *UNIÃO*, 15 out.1927, p. 1).

A notícia trazida pela *A União* destacou novamente a participação das escolas:

Na frente do enorme desfile marchava a banda e música da Força Pública, seguindo-se as escolas em filas, conduzindo as crianças lanternas multicores, o Préstito percorreu o bairro de Tambiá destinando-se ao Palácio do Governo pela rua Duque de Caxias. A bandeira Nacional era conduzida na dianteira sob a guarda do tiro de guerra 166. (A *UNIÃO*, 15 ago.1927, p. 1).

Continuou a reportagem destacando que ao chegar à frente do Palácio, a “grande passeata estudantil” fez uma parada, enquanto da sacada do prédio foram jogadas flores, de onde estava o presidente do Estado, familiares e auxiliares administrativos. Neste momento foi cantando o Hino Nacional quando foi disperso o cortejo.

Como descrito por Cardoso (2006) são exemplares singulares, nas primeiras décadas da



República na Paraíba, a realização da *marche aux flambeaux* pelas ruas da cidade por ocasião de coincidir com o reinício do ano letivo e as comemorações do 14 de julho, dia da Revolução Francesa, quando se executavam também a *Marselhesa* e o Hino Nacional.

Para o autor, outros elementos se somaram propiciados pelos desfiles estudantis nas comemorações cívicas, que foi a construção da nova imagem da cidade a partir do alargamento das ruas, da construção de novos prédios públicos, o surgimento de novos espaços como as praças, o Jardim Público e as retretas tocadas no coreto para o divertimento da tradicional elite paraibana.

Mais ainda, Almeida (2006) percebe na cidade da Parahyba, já dito anteriormente, que na década de 1920, o surgimento do entorno “praça-rua-praça” foi o incentivo de criação e reformas de novas edificações, gerando discursos dos presidentes estaduais, que projetavam uma atmosfera de euforia sobre as obras em andamento e ambiente propício para as comemorações e atividades cívicas.

Deveras, o “aspecto movimentado festivo na cidade” e o trecho “amplamente iluminado” da Rua Duque de Caxias, que compreende o Jardim Público, o Palácio do Governo, a Diretoria de Instrução e a Escola Normal, divulgados pelo Jornal *A União* demarcavam os principais lugares públicos onde concentraram as atividades durante aqueles quatro dias de comemorações. Gerken (2008) observa um aspecto simbólico nesta solicitação, pois, “manter as luzes acesas durante os festejos era fundamental” para associar o lugar ao progresso que a luz elétrica significava para a cidade.

No principal dia da Festa, 15 de outubro, a primeira atividade teve uma acentuação no aspecto cívico-patriótico, pois, às cinco horas da manhã, em frente ao Palácio do Governo, as escolas estaduais, municipais e particulares foram convocadas para participarem da Alvorada, com o hasteamento da bandeira nacional e o canto do Hino do Centenário, acompanhado pela banda de música da Força Policial.

Hinos, escolas e hasteamento da bandeira nacional no contexto do encerramento das comemorações do Centenário apontam para a compreensão de que a Festa não foi planejada para terminar sem deixar significações nas atividades propostas, o que se pode deduzir é que a Diretoria de Instrução Pública a partir da extensa programação procurou vivenciar e aprender os conteúdos patrióticos também vistos em sala de aula.

De fato, para *A União*, o Centenário do Ensino Primário teve “uma alta significação patriota” e “o relevo com que costumamos solenizar os grandes acontecimentos da história”, pois:



a exposição dos trabalhos, a harmonia dos cânticos e o brilho dos desfiles escolares revelaram eloquentemente como está difundido o ideal de instrução do nosso estado e como o espírito de disciplina e elevação cívica vai orientando as diretrizes novas a juventude contemporânea. (*A UNIÃO*, 22 out.1927, p. 1).

No dizer de Souza (1998b p. 242) estes eram exemplos de momentos especiais na vida das escolas primárias, pois, elas ganhavam maior visibilidade social e, portanto, reforçavam as culturas compartilhadas das práticas simbólicas que expressavam o imaginário sociopolítico republicano.

Além da capital do Estado e da cidade de Campina Grande, várias outras cidades do interior da Paraíba enviaram suas programações e relatos sobre os festejos para a divulgação no Jornal *A União*. Consideramos expressiva a quantidade de cidades que se envolveram nas comemorações, o que nos indica que não foi um evento isolado, restrito a capital do estado, mas, que teve um alcance bastante amplo em centenas de escolas estaduais e municipais, com a participação de milhares de alunos em mais uma Festa em que a “República mandou guardar”.

De forma geral, as cidades que realizaram a Festa do Centenário cumpriram uma agenda que estava em consonância com as práticas cívicas que ocorreram na capital, pois, observa-se uma programação bastante extensa cujo planejamento teve como alvo principal as crianças e os professores das escolas primárias. As intenções e estratégias utilizadas estavam carregadas de simbolismos, consubstanciadas pelas missas campais, hasteamentos de bandeiras, exposições dos trabalhos dos alunos, desfiles, passeatas e préstitos, aposição de placas comemorativas, discursos sobre o ensino de crianças e as homenagens extensivas aos prédios dos poderes públicos e para as autoridades locais.

No início das comemorações, os motivos para a Festa foram anunciados pelo Jornal *A União*, entre eles, como o passo que foi dado “definitivamente para nossa emancipação intelectual, iniciando desde aqueles tempos a campanha contra o analfabetismo”. Entretanto, a “campanha contra o analfabetismo” propagada pelo jornal, iniciada com a lei de 1827, para Saviani (2002 p. 286), foi durante muito tempo adiada, pois, somente depois de mais de um século, isto é, em 1946⁵, é que foi publicada outra lei nacional de ensino primário no Brasil. Dessa forma, continua o autor, se adentrou o século XXI sem ainda ter conseguido universalizar o Ensino Fundamental, que pode ser considerado para ele “como uma verdadeira cassação do futuro do país”.

⁵ O autor faz referencia ao Decreto-Lei nº 8.529, de 02 de Janeiro de 1946, Lei Orgânica do Ensino Primário sancionada pelo governo provisório do presidente da República José Linhares.



REFERÊNCIAS

A UNIÃO, 15 de agosto de 1927.

A UNIÃO, 12 a 22 de outubro de 1927.

ALMEIDA, Maria Cecília Fernandes. **Espaços públicos em João Pessoa (1889 - 1940):** Formas, usos e nomes. 2006. (Dissertação em Arquitetura e Urbanismo) - Escola de Engenharia de São Carlos da Universidade de São Paulo. São Carlos, SP: 2006.

CARDOSO, Carlos Augusto de Amorim. Festas e marchas do Lyceu Paraybano: vivas para a cidade. In: **VI Congresso Luso Brasileiro de História da Educação**. Uberlândia, MG: COLUBHE06, 2006. p. 4463-4472

GERKEN, Maria Aparecida de Souza. **Entre bandeiras, árvores e bonecas: festas em escolas públicas primárias em Minas Gerais (1906 - 1930)**. 2008. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte. 2008.

PAIVA, Bruna Maria Morais de; LIMA, Rosangela Chrystina Fontes de ; PINHEIRO, Antonio Carlos Ferreira. As festividades e as comemorações cívicas nos grupos escolares da Parahyba do Norte. In: XVIII Encontro de Pesquisa Educacional do Norte e Nordeste, 2007, Macéio. **Anais do 18º EPENN - Políticas de ciência e Tecnologia e formação do pesquisador em educação**. Macéio: EDUFAL, 2007. v. 1. p. 1 - 10.

PARAHYBA DO NORTE, Estado da. **Mensagem** apresentada á Assembléa Legislativa do Estado, na 2ª sessão ordinária da 9ª legislatura por João Suassuna, Presidente do Estado. Parahyba do Norte: Imprensa Official, 1925, 175 p.

_____, **Mensagem** apresentada pelo Presidente do Estado á Assembléa Legislativa, na abertura de sua 4ª sessão ordinária da 9ª legislatura por João Suassuna. Parahyba do Norte: Imprensa Official, 1927, 222 p.

PINHEIRO, Antônio Carlos Ferreira. **Da Era das Cadeiras Isoladas à Era dos grupos escolares na Paraíba**. Campinas, 2001. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2001.

SAVIANI, Dermeval. Percorrendo caminhos na educação. **Educação & Sociedade**, Campinas, v. 23, n. 81, p. 273-290, Dec. 2002 . Disponível em <http://www.scielo.br/scielo>. acesso em 04 Jan. 2015.

SOUZA, Rosa Fátima de. **Templos de Civilização: a implantação da escola primária graduada no Estado de São Paulo (1890 - 1910)**. São Paulo, SP: Ed. da UNESP, 1998b.

VIDAL, Diana G; FARIA FILHO, Luciano M. **As Lentes da História: estudos de história e historiografia da educação no Brasil**. Campinas, SP: Autores Associados, 2005.